

Livro Eletrônico



Estratégia
CONCURSOS

Aula 14

**Português p/ Escola de Sargentos das Armas (EsSA) Com Videoaulas
- Pós-Edital**

Décio Terror Filho

Estilo: funções da linguagem; tipos de discurso; intertextualidade.

Sumário

1 – Intertextualidade	1
2 – Tipos de discursos	10
1 – <i>Discurso direto</i>	10
2 - <i>Discurso indireto</i>	10
3 – <i>Discurso indireto livre</i>	13
3 – Lista de questões	24
4 – Gabarito	36



Olá, pessoal!

Nesta aula, abordaremos os temas “tipos de discurso” e “intertextualidade”. Como esses temas não são recorrentes em provas militares, tomei a liberdade de inserir questões de concursos civis para aprofundamento.

É importante ressaltar que a aula em vídeo, sobre os tipos de discurso, será da banca FCC.

1 – INTERTEXTUALIDADE

É o diálogo entre um texto e outro. É o cuidado que se tem num texto de absorver os conhecimentos, conceitos, observações elencados em outros textos renomados, conhecidos. Normalmente isso é feito para levantar mais crédito ao argumento defendido pelo autor. Além disso, pode se apresentar como paráfrase (reescrita de trecho de mesmo sentido que o original), paródia.

A **paródia** é um exemplo de recriação baseada em um caráter contestador, às vezes até utilizando-se de uma certa dose de ironia, sarcasmo ou simplesmente humor.

Texto Original	Paródia
Minha terra tem palmeiras	Minha terra tem palmares
Onde canta o sabiá,	onde gorjeia o mar



As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá.

os passarinhos daqui
não cantam como os de lá.

(Gonçalves Dias, "Canção do exílio"). (Oswald de Andrade, "Canto de regresso à pátria").



1. (Exército / IME Quadro de Engenheiro Militar 2016)

Texto 2

O HOMEM: AS VIAGENS

Carlos Drummond de Andrade

1 O homem, bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão,
faz um foguete, uma cápsula, um módulo
5 toca para a Lua
desce cauteloso na Lua
pisa na Lua
planta bandeirola na Lua
experimenta a Lua
10 coloniza a Lua
civiliza a Lua
humaniza a Lua

2
Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.

3
15 Vamos para Marte – ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
pisa em Marte
experimenta
coloniza
20 civiliza
humaniza Marte com engenho e arte.

4
Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?

5
Claro – diz o engenho
25 sofisticado e dócil.
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus,
vê o visto – é isto?
idem
30 idem
idem.

6
O homem funde a cuca se não for a Júpiter
proclamar justiça junto com injustiça
repetir a fossa
35 repetir o inquieto
repetitório.

7
Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
40 só para tiver?
Não-vê que ele inventa
roupa insidável de viver no Sol.
Põe o pé e:
mas que chato é o Sol, falso touro
45 espanhol domado.



- | | |
|--|--|
| <p>8
Restam outros sistemas fora
do solar a colonizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem
50 (estará equipado?)
a difícilima dangerousíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração</p> | <p>55 experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
60 descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de con-viver.</p> |
|--|--|

ANDRADE, Carlos Drummond. **Nova reunião: 19 livros de poesia** – 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, pp. 448-450.

Texto 3

OS LUSÍADAS CANTO PRIMEIRO

Luis de Camões

- | | |
|--|--|
| <p>1
As armas e os barões assinalados,
Que da ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
5 Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;</p> <p style="text-align: center;">2</p> <p>10 E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando;
E aqueles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
15 Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.</p> | <p style="text-align: center;">3</p> <p>Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
20 A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.</p> <p style="text-align: center;">(...)</p> <p style="text-align: center;">106</p> <p>25 No mar tanta tormenta e tanto dano
Tantas vezes a morte apercebida
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida
Onde pode acolher-se um fraco humano
30 Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?</p> |
|--|--|

CAMÕES, Luís de (1524-1580). **Os Lusíadas**. São Paulo: Abril Cultural, [1572] 1979, pp. 29-31 e 61.

A *transtextualização* ou **intertextualidade** é um “processo pelo qual o enunciador constrói seu texto (texto meta) mediante a incorporação ou transformação da totalidade ou de parte de outro texto (texto fonte)” (AZEREDO, J. C. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa, p. 96).



São vários os tipos de **transtextualização** elencados na referida obra, dentre eles a incorporação, a citação, a alusão, a reelaboração, a paráfrase, a tradução e a paródia. Especificamente, a alusão consiste em evocar um texto ou discurso anterior (de outro gênero, de outra época, de outra cultura), para produzir, no presente, um efeito de sentido autorizado ou legitimado pelo texto/discurso evocado. Diferentemente da citação, cuja incorporação o interlocutor identifica graças às marcas, a alusão só é percebida se o texto que ela evoca faz parte da cultura do interlocutor (IBIDEM, p. 98).

Atente para as seguintes assertivas apresentadas na comparação dos textos 2 e 3.

I. Há uma relação explícita entre o primeiro verso do poema de Drummond e o último verso do Canto I de Os Lusíadas, de Camões, apresentados nesta prova.

II. O verso camoniano “Tanta necessidade aborrecida” pode ser visto como um desencadeador da descrição drummondiana do tédio do homem face a suas conquistas que não o levam à resolução de problemas mais imediatos como a fome, a desigualdade e as injustiças, também evocadas por Camões nos versos iniciais da estrofe 106 de Os Lusíadas.

III. O texto brasileiro alude diretamente ao texto português no uso da expressão “engenho e arte”, recorrendo, inclusive, à mesma parceria rítmica (parte/arte).

IV. Enquanto em Camões a humanização reivindicada refere-se a uma europeização do espaço terrestre, no poema de Drummond, diferentemente, a humanização é interplanetária, o que se verifica inclusive pelo uso da maiúscula na palavra Terra no primeiro verso de seu poema.

São **marcas de alusão**

- A) apenas o que se afirma em I e II.
- B) apenas o que se afirma em I, II e III.
- C) apenas o que se afirma em II e III.
- D) apenas o que se afirma em III e IV.
- E) o que se afirma em I, II, III e IV.

Comentário: A questão insere alguns conceitos e características da intertextualidade e em seguida mostra a diferença entre citação e alusão. Conforme a orientação da questão, a alusão só é percebida se o texto que ela evoca faz parte da cultura do interlocutor. Já a citação apresenta marcas que deixam literais as informações de outro texto. Assim, a alusão é sugestiva e depende do conhecimento da cultura do texto referenciado; já a citação é direta, com marcas que evidenciam isso.

A afirmativa I apresenta uma alusão, pois, sem qualquer elemento linguístico que indicasse que a frase ou palavras-chave são de Camões, Drummond afirma que o homem é bicho da Terra tão pequeno. Quem não conhece o verso de Camões (“*Contra um bicho da terra tão pequeno?*”) não entenderia que o verso de Drummond transmite uma intertextualidade. Assim, o primeiro verso de Drummond alude ao último verso do Canto I de Os Lusíadas, de Camões. Confirme:

O homem, bicho da Terra tão pequeno – Drummond



Contra um bicho da terra tão pequeno? – Camões

A afirmativa II apresenta uma alusão, pois o verso de Camões “Tanta necessidade aborrecida” pode ser visto como ponto de partida para o poema de Drummond, cuja intenção é mostrar que, independentemente do local onde o homem colonize, seus problemas irão com ele, uma vez que os problemas não estão num local, mas sim no próprio ser humano que deve enfrentar “a difícilíssima e perigosíssima viagem / de si a si mesmo”, isto é, conviver consigo e tentar resolver os problemas do mundo, o que seria mais difícil, uma vez que é mais fácil “empurrar os problemas”, colonizando outros locais, a tentar resolvê-los.

Dessa forma, Camões também se refere aos problemas que o homem não consegue resolver, mesmo estando em lugares diferentes: no mar, há muitas tempestades que podem afundar os navios e levar à morte; na terra, há guerras que também levam à morte. Assim, o eu-lírico do poema se questiona: onde o homem pode se acolher e ficar seguro longe de todos os problemas? Logo, ao ler Drummond, vemos que não há locais seguros e livres de fome, desigualdade e injustiças, o homem é quem deve buscar soluções e transformar o próprio espaço.

Por fim, ao se referir ao ser humano como “bicho da terra tão pequeno”, o eu-lírico de ambos os poemas deixa clara a fragilidade do homem diante dos problemas da vida e sua dificuldade de resolvê-los.

Assim, pode-se concluir dessa afirmativa II que realmente há um ponto de partida nos versos de Camões “Tanta necessidade aborrecida” para a descrição drummondiana do tédio do homem face a suas conquistas. Como não há elementos linguísticos que deixam claro esse diálogo entre os dois, entendemos que há uma alusão.

A afirmativa III apresenta uma alusão, pois há uma clara alusão do poema brasileiro ao poema português, utilizando, inclusive as mesmas rimas (parte/arte). Leia os trechos de ambos abaixo:

*humaniza Marte com **engenho e arte**.
Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra **parte**? – Drummond*

*Cantando espalharei por toda **parte**,
a tanto me ajudar o **engenho e arte**. - Camões*

Como não há citação, isto é, indicação de que as expressões são de Camões, ocorre alusão, pois a indicação é sugestiva e necessita do conhecimento do texto de Camões.

A afirmativa IV não apresenta alusão, nem citação, pois afirma que há uma **diferença** na abordagem e notamos isso justamente pela abordagem de uma humanização mais interplanetária de Drummond e a de Camões mais europeizada.

Como somente as afirmações I, II e III apresentam alusão, a alternativa (B) é a correta.

Gabarito: B

2. (FGV / SSP AM – Assistente Operacional – 2015)

Construímos no Brasil uma sociedade hierarquizada e arcaica, majoritariamente conservadora (que aqui se manifesta em regra de forma extremamente nefasta, posto que dominada por crenças e valores equivocados), que se julga (em geral) no direito de desfrutar



de alguns privilégios, incluindo-se o de não ser igual perante as leis (nessa suposta “superioridade” racial ou socioeconômica também vem incluída a impunidade, que sempre levou um forte setor das elites à construção de uma organização criminosa formada por uma troika maligna composta de políticos e outros agentes públicos + agentes econômicos + agentes financeiros, unidos em parceria público-privada para a pilhagem do patrimônio do Estado). Continuamos (em pleno século XXI) a ser o país atrasado do “Você sabe com quem está falando?” (como bem explica DaMatta, em várias de suas obras). Os da camada “de cima” (na nossa organização social) se julgam no direito (privilégio) de humilhar e desconsiderar as leis assim como os “de baixo”. Se alguém questiona essa estrutura, vem o corporativismo e retroalimenta a chaga arcaica. De onde vem essa canhestra forma de organização social? Por que somos o que somos?” (Luiz Flávio Gomes, *JusBrasil*)

Nesse segmento há uma referência aos textos anteriores desta prova, que constitui uma das marcas de caracterização dos textos em geral; essa marca é denominada:

- (A) polissemia;
- (B) ambiguidade;
- (C) intertextualidade;
- (D) coesão;
- (E) coerência.

Comentário: A referência ao texto anterior da prova é confirmado na expressão “Continuamos (em pleno século XXI) a ser o país atrasado do “Você sabe com quem está falando?” (como bem explica DaMatta, em várias de suas obras).”

Assim, havendo menção a outro texto, ocorre a intertextualidade.

Gabarito: C

3. (FGV / Funarte – Assistente Administrativo – 2014)

Talvez a gratidão devesse ser uma rotina nas nossas vidas, algo indissociável da relação humana, mas talvez ande arredada dos nossos cotidianos, dos nossos gestos. E se começássemos cada dia dando gracias a la vida, como faria a Violeta?

A última frase do texto “E se começássemos cada dia dando gracias a la vida, como faria a Violeta?” se refere a uma letra de música de Violeta Parra. Essa menção mostra a presença no texto de um fator denominado:

- (A) polissemia; (B) linguagem figurada; (C) coerência;
- (D) coesão; (E) intertextualidade.

Comentário: A menção a outro texto é um diálogo entre textos, conhecido como intertextualidade, por isso a alternativa correta é a (E).

Gabarito: E



4. (FGV / TJ BA – Analista Judiciário – 2015)

Millôr Fernandes, falando sobre o hábito de fumar, disse: “Enorme percentual de fumantes disposto a continuar fumando, apesar de ameaças de câncer, enfisemas e outras quizílias. O fumo é realmente um vício idiota. Mas os fumantes que persistem em fumar têm um vício ainda mais idiota – a liberdade. Provando que nem só de pão, e de saúde, vive o ser humano. Além do fumo ele aspira também gastar a vida como bem entende. Arruinando determinadamente seu corpo – um ato de loucura – o fumante ultrapassa a pura e simples animalidade da sobrevivência sem graça. Em tempo; eu não fumo”.

(*Definitivo*, L&PM editores, Porto Alegre, 1994)

Uma das marcas de textualidade é a chamada “intertextualidade”, ou seja, a presença de outros textos; a passagem abaixo em que se alude a outro texto é:

- (A) “Enorme percentual de fumantes disposto a continuar fumando, apesar de ameaças de câncer, enfisemas e outras quizílias.”;
- (B) “Além do fumo ele aspira também gastar a vida como bem entende”;
- (C) “Provando que nem só de pão, e de saúde, vive o ser humano”;
- (D) “Mas os fumantes que persistem em fumar têm um vício ainda mais idiota – a liberdade”;
- (E) “O fumo é realmente um vício idiota”.

Comentário: Muito cuidado na resolução desta questão. Não podemos confundir **citação direta** (cópia literal de outro texto), o que não deixa de ser uma intertextualidade, com uma **alusão** (referência implícita a outro texto), que também é uma forma de intertextualidade.

Vimos que a intertextualidade é a presença de outros textos. Assim, todo o trecho entre aspas é a fala de Millôr Fernandes.

Porém, veja o pedido da questão: “a passagem abaixo em que se alude a outro texto é”, isto é, fazer alusão a algo não é explicitá-lo, não é copiá-lo literalmente no outro texto; é sugeri-lo, referenciá-lo.

As alternativas (A), (B), (D) e (E) apresentam apenas a citação direta da fala de Millôr Fernandes. Isso é intertextualidade, mas não por meio de alusão, conforme o pedido da questão.

A alternativa (C) é a correta, pois não se citou literalmente o outro texto, houve uma sugestão, uma **alusão**. Por meio do trecho “nem só de pão, e de saúde, vive o ser humano”, o texto faz uma alusão ao trecho bíblico que afirma que “*Nem só de pão viverá o homem*”.

Gabarito: C

5. (FGV / Funarte – Superior – 2014)

Brasileiro, Homem do Amanhã

(*Paulo Mendes Campos*)



Há em nosso povo duas constantes que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo. Brasileiro até demais. Colunas da brasilidade, as duas colunas são: a capacidade de dar um jeito; a capacidade de adiar.

A primeira é ainda escassamente conhecida, e nada compreendida, no Exterior; a segunda, no entanto, já anda bastante divulgada lá fora, sem que, direta ou sistematicamente, o corpo diplomático contribua para isso.

Aquilo que Oscar Wilde e Mark Twain diziam apenas por humorismo (nunca se fazer amanhã aquilo que se pode fazer depois de amanhã), não é no Brasil uma deliberada norma de conduta, uma diretriz fundamental. Não, é mais, é bem mais forte do que qualquer princípio da vontade: é um instinto inelutável, uma força espontânea da estranha e surpreendente raça brasileira.

Para o brasileiro, os atos fundamentais da existência são: nascimento, reprodução, procrastinação e morte (esta última, se possível, também adiada).

Adiamos em virtude dum verdadeiro e inevitável estímulo inibitório, do mesmo modo que protegemos os olhos com a mão ao surgir na nossa frente um foco luminoso intenso. A coisa deu em reflexo condicionado: proposto qualquer problema a um brasileiro, ele reage de pronto com as palavras: logo à tarde, só à noite; amanhã; segunda-feira; depois do Carnaval; no ano que vem.

Adiamos tudo: o bem e o mal, o bom e o mau, que não se confundem, mas tantas vezes se desparelham. Adiamos o trabalho, o encontro, o almoço, o telefonema, o dentista, o dentista nos adia, a conversa séria, o pagamento do imposto de renda, as férias, a reforma agrária, o seguro de vida, o exame médico, a visita de pêssames, o concerto do automóvel, o concerto de Beethoven, o túnel para Niterói, a festa de aniversário da criança, as relações com a China, tudo. Até o amor. Só a morte e a promissória são mais ou menos pontuais entre nós. Mesmo assim, há remédio para a promissória: o adiamento bi ou trimestral da reforma, uma instituição sacrossanta no Brasil.

Quanto à morte não devem ser esquecidos dois poemas típicos do Romantismo: na Canção do Exílio, Gonçalves Dias roga a Deus não permitir que morra sem que volte para lá, isto é, para cá. Já Álvares de Azevedo tem aquele famoso poema cujo refrão é sintomaticamente brasileiro: “Se eu morresse amanhã!”. Como se vê, nem os românticos aceitavam morrer hoje, postulando a Deus prazos mais confortáveis.

Sim, adiamos por força dum incoercível destino nacional, do mesmo modo que, por obra do fado, o francês poupa dinheiro, o inglês confia no Times, o português adora bacalhau, o alemão trabalha com um furor disciplinado, o espanhol se excita com a morte, o japonês esconde o pensamento, o americano escolhe sempre a gravata mais colorida.

O brasileiro adia, logo existe.

A divulgação dessa nossa capacidade autóctone para a incessante delonga transpõe as fronteiras e o Atlântico. A verdade é que já está nos manuais. Ainda há pouco, lendo um livro francês sobre o Brasil, incluído numa coleção quase didática de viagens, encontrei no fim do



volume algumas informações essenciais sobre nós e sobre a nossa terra. Entre poucos endereços de embaixadas e consulados, estatísticas, indicações culinárias, o autor intercalou o seguinte tópico:

Palavras

Hier: ontem

Aujourd'hui: hoje

Demain: amanhã

A única palavra importante é "amanhã".

Ora, este francês astuto agarrou-nos pela perna. O resto eu adio para a semana que vem.

O segmento do texto da crônica que NÃO atesta a intertextualidade como uma das marcas da textualidade é:

(A) "Aquilo que Oscar Wilde e Mark Twain diziam apenas por humorismo (nunca se fazer amanhã aquilo que se pode fazer depois de amanhã), não é no Brasil uma deliberada norma de conduta...";

(B) "Ainda há pouco, lendo um livro francês sobre o Brasil, incluído numa coleção quase didática de viagens, encontrei no fim do volume algumas informações essenciais sobre nós e sobre a nossa terra";

(C) "O brasileiro adia, logo existe";

(D) "Quanto à morte não devem ser esquecidos dois poemas típicos do Romantismo: na Canção do Exílio, Gonçalves Dias roga a Deus não permitir que morra sem que volte para lá, isto é, para cá";

(E) "Já Álvares de Azevedo tem aquele famoso poema cujo refrão é sintomaticamente brasileiro: "Se eu morresse amanhã!".

Comentário: Na alternativa (A), há intertextualidade, por haver referência a Oscar Wilde e Mark Twain e o que eles diziam: "nunca se fazer amanhã aquilo que se pode fazer depois de amanhã".

Na alternativa (B) não há intertextualidade, pois não se identificou o livro francês sobre o Brasil. Tendo em vista a referência de forma indefinida, generalizada, não houve intertextualidade.

Na alternativa (C), há intertextualidade, haja vista uma menção aos dizeres do filósofo e matemático francês Descartes: "Penso, logo existo". A essa modificação damos o nome de paródia.

Nas alternativas (D) e (E), há intertextualidade, por haver referência a dois poemas típicos do Romantismo: na Canção do Exílio, Gonçalves Dias roga a Deus não permitir que morra sem que volte para lá, isto é, para cá; já Álvares de Azevedo tem aquele famoso poema cujo refrão é sintomaticamente brasileiro: "Se eu morresse amanhã!".

Gabarito: B



2 – TIPOS DE DISCURSOS

Vimos um pouco dos tipos de discurso na aula de período composto por coordenação, quando falávamos do emprego do sinal de dois pontos. Porém, neste ponto da aula, aprofundaremos um pouquinho mais nos **tipos de discurso**.

1 – DISCURSO DIRETO

É a reprodução das palavras de alguém nos termos exatos em que elas foram ditas. Possui algumas características marcantes:

a) Emprego de verbos chamados *dicendi* ou “de elocução”, do tipo: *afirmar, negar, perguntar, responder*, entre outros;

b) Usam-se os seguintes sinais de pontuação:

b1.) dois-pontos, com travessão na outra linha:

O juiz disse:

– *O réu é inocente.*

b2.) dois-pontos, seguido de aspas:

O juiz disse: “O réu é inocente”.

b3.) travessão:

“O réu é inocente” – *disse o juiz*

b4.) vírgula:

“O réu é inocente”, *disse o juiz*

2 - DISCURSO INDIRETO

É a reprodução da fala de alguém com as palavras do narrador. Ele fala no lugar do personagem:

No discurso indireto, eliminamos os sinais de pontuação e usamos conjunções: *que* (para afirmação, certificação), *se* (expressar dúvida, pergunta indireta), *como* (modo), etc. Exemplos:

*O réu contou **como** ocorrera o fato.* (modo)

*O promotor perguntou **se** o réu poderia explicar melhor.* (pergunta indireta)

*O juiz disse **que** o réu era inocente.* (afirmação)

- Transposição dos discursos:

Verbos, pronomes e advérbios nos discursos direto e indireto:



Vimos que, no discurso direto, há duas vozes: a do narrador e a do personagem.

Carlos **afirmou**: ← Voz do narrador
– Saírei daqui ainda hoje. ← Voz do personagem

Quando o verbo *dicendi* estiver no pretérito perfeito do indicativo, o narrador faz alusão a algo já decorrido e, possivelmente, ele pode estar distante temporalmente e espacialmente do personagem. Veja esta situação.

O narrador está em São Paulo, no ano de 2017, contando algo ocorrido com seu colega e esposa em Paris, no ano de 2009. Ele pode contar o caso no discurso direto, preservando a voz do personagem:

Carlos **exclamou**:

– Este ano é muito especial para mim, pois estou aqui com você, Isabela!

Na transposição para o discurso direto, note que os vocábulos “este”, “é”, “mim”, “estou”, “aqui” e “você” referem-se ao personagem, e o narrador deve mudar quando usar suas próprias palavras para contar o caso em discurso indireto. Veja:

Carlos **exclamou** que aquele ano era muito especial para ele, pois estava lá com Isabela.

Veja que o pronome demonstrativo “Este” e os verbos “é” e “estou”, no discurso direto, retratam o tempo presente do fato ocorrido com o personagem (2009), mas é o passado do narrador, e este se encontra em 2017. Por isso, em referência ao narrador, o pronome demonstrativo passa a “aquele”.

Os verbos “é” e “estou” transmitem o momento atual do personagem (2009), mas na voz do narrador, que se encontra em 2017, esses verbos devem ser flexionados no pretérito imperfeito do indicativo (“era” e “estava”), os quais denotam a regularidade no passado.

O pronome “mim” se refere ao personagem. Na voz do narrador, passa a ser “ele”.

O advérbio “aqui” remete ao lugar onde se encontrava o personagem (Paris), mas o narrador está em São Paulo, então, na voz do narrador passa a “lá”.

O pronome “você” marca com quem o personagem fala diretamente, mas, na voz do narrador, esta fala já não é direta, por isso podemos substituí-lo por “Isabela”.



Agora, vamos usar outros tempos verbais para estruturar melhor esse discurso:

1. O futuro do presente do indicativo vira futuro do pretérito do indicativo:

Discurso direto: *Carlos **afirmou**: “Sairei daqui ainda hoje.”*

Discurso indireto: *Carlos **afirmou** que Sairia de lá ainda naquele dia.”*

2. O presente do indicativo vira pretérito imperfeito do indicativo:

Discurso direto: *Carlos **afirmou**: “Estudo todos os dias.”*

Discurso indireto: *Carlos **afirmou** que estudava todos os dias.”*

Mas devemos entender que, se a ação de estudar continua até o momento presente, o narrador deve preservar o tempo presente:

Discurso indireto: *Carlos **afirmou** que estuda todos os dias.”*

3. O pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

Discurso direto: *Carlos **afirmou**: “Já passei por aqui ontem.”*

Discurso indireto: *Carlos **afirmou** que já passara por lá no dia anterior.”*

4. Às vezes, usamos um tempo verbal por outro:

Discurso direto: *Carlos **afirmou**: “Saio daqui ainda hoje.”*

Discurso indireto: *Carlos **afirmou** que Sairia de lá ainda naquele dia.”*

Veja que o verbo “Saio” está no presente, mas com valor de futuro, por isso cabe o tempo futuro do pretérito do indicativo.

5. O imperativo afirmativo vira pretérito imperfeito do subjuntivo:

Discurso direto: *Carlos **insistiu com Carla**: “Estude toda a matéria.”*

Discurso indireto: *Carlos **insistiu** que Carla estudasse toda a matéria.”*

6. O presente do subjuntivo vira pretérito imperfeito do subjuntivo:

Discurso direto: *Carlos **afirmou**: “Talvez estude ainda hoje.”*

Discurso indireto: *Carlos **afirmou** que talvez estudasse ainda naquele dia.”*



Resumindo, vamos ao esquema:

Futuro do presente do indicativo	→	Futuro do pretérito do indicativo
Presente do indicativo	→	Pretérito imperfeito do indicativo
Passado	→	Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
Imperativo afirmativo	→	Pretérito imperfeito do subjuntivo
Presente do subjuntivo	→	Pretérito imperfeito do subjuntivo

3 – DISCURSO INDIRETO LIVRE

Permite que os acontecimentos sejam narrados pelas falas diretas dos personagens, mas sem a estrutura do discurso direto ou indireto, como os verbos de elocução, os sinais de pontuação e as conjunções. Veja um exemplo:

Joana saiu sorratamente sem que ninguém percebesse. E agora? Será que conseguirei algum meio de sumir daqui? Continuava sua caminhada numa estrada escura. Quando chegar perto de alguma casa, pedirei ajuda! Não volto mais para lá!



6. (Exército / EsPCEx Cadete do Exército 2016)

Assinale a alternativa que apresenta exemplo de discurso indireto livre.

- A) Desejo muito conhecer Carlota – disse-me Glória, a certo ponto da conversação. – Por que não a trouxe consigo?
- B) Omar queixou-se ao pai. Não era preciso tanta severidade. Por que não tratava os outros filhos com o mesmo rigor?
- C) – Isso não pode continuar assim, respondeu ela; – é preciso que façamos as pazes definitivamente.
- D) Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro. Ele respondeu que, pela vontade dele, naquele mesmo instante.
- E) Daí a pouco chegou João Carlos e, após ligeiro exame, receitou alguma coisa, dizendo que nada havia de anormal...



Comentário: Na alternativa (A), há discurso direto, pois há as falas diretas dos personagens (“Desejo muito conhecer Carlota”, “Por que não a trouxe consigo?”), indicação da fala da personagem entre travessões (“disse-me Glória, a certo ponto da conversação”) e o verbo de elocução “disse-me”.

Na alternativa (B), há discurso indireto livre, uma vez que percebemos a fala de Omar inserida no discurso do narrador, sem qualquer indicação do narrador. Observe:

Omar queixou-se ao pai. Não era preciso tanta severidade. Por que não tratava os outros filhos com o mesmo rigor?

Logo, esta é a alternativa correta

Na alternativa (C), há discurso direto, pois há travessão iniciando a frase, o verbo de elocução “respondeu” e a estrutura “respondeu ela” entre vírgulas.

Na alternativa (D), há discurso indireto, isto é, o narrador reproduz as falas das personagens. Note que o narrador conta que Virgília fez uma pergunta a Lobo Neves e que este a respondeu. Observe o emprego dos verbos e dos pronomes na terceira pessoa do singular:

Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro. Ele respondeu que, pela vontade dele, naquele mesmo instante

Na alternativa (E), há discurso indireto, pois o narrador reproduziu a fala de João Carlos. Observe os verbos empregados na terceira pessoa do singular:

...receitou alguma coisa, dizendo que nada havia de anormal...

Gabarito: B

7. (FCC / TRT 6ªR Técnico Judiciário – 2018)

Fragmento do texto: Em seu livro, Na senda do lirismo, Jó Patriota explica que foi o cantador Vicente Preto, ao ouvi-lo ensaiando os primeiros passos no repente, quem primeiro acreditou em sua vocação: – Você pode entrar no ramo, disse-lhe. Ele lembra, também, que sua primeira viola foi comprada por uma irmã, “com dinheiro da venda de uma cabra”. Sempre acontecia alguma coisa com suas violas, porque passou a vida toda cantando com as violas “dos outros”. O que acontecia, certamente, é que sua pobreza o obrigava a vendê-las.

– Você pode entrar no ramo, disse-lhe. (linhas 3 e 4)

A frase de Vicente Preto, está corretamente transposta para o discurso indireto em:

- a) Disse-lhe “você pudera entrar no ramo”.
- b) Disse-lhe que você pode entrar no ramo.
- c) Disse-lhe que ele podia entrar no ramo.
- d) Disse-lhe: “ele pôde entrar no ramo”.
- e) Disse-lhe: você poderá entrar no ramo.

Comentário: Primeiramente, devemos notar que o discurso indireto apresenta a conjunção integrante “que” (ou “se”), por isso já podemos eliminar as alternativas (A), (D) e (E).



No discurso direto, o personagem “Vicente Preto” se refere a “Jó Patriota” como “você”. Na transposição para o discurso indireto, o narrador se apropria da voz desse personagem e logicamente não está falando diretamente com “Jó”, pois está falando dele. Assim, esse narrador deve empregar, no lugar de “você”, o pronome “ele”. Então já sabemos que a alternativa (B) deve ser eliminada, restando a (C) como a correta.

No discurso direto, o personagem “Vicente Preto” emprega o presente do indicativo “pode”. Na transposição para o discurso indireto, o narrador se apropria dessa fala, porém para ele isso é passado. Assim, emprega o pretérito imperfeito do indicativo “podia”.

Gabarito: C

8. (FCC / ALE SE Técnico Legislativo – 2018)

Fragmento do texto: Minha história começa numa ilha com pouco mais de duzentos habitantes, na baía de Todos os Santos. Uma fração de Brasil praticamente secreta, ignorada pelas modernidades e pelos mapas: nem o (quase) infalível Google Maps consegue encontrá-la. É nessa terra minúscula, a Ilha do Paty, que estão minhas raízes. O lugar é um distrito de São Francisco do Conde - município a 72 quilômetros de Salvador, próximo a Santo Amaro e conhecido por sua atual importância na indústria do petróleo. Na ilha, as principais fontes de renda ainda são a pesca, o roçado e ser funcionário da prefeitura.

No Paty, sapatos são muitas vezes acessórios dispensáveis. Para atravessar de um lado para o outro na maré de águas verdes, o transporte oficial é a canoa, apesar de já existirem um ou outro barco, cedidos pela prefeitura. Ponte? Nem pensar, dizem os moradores, em coro. Quando alguém está no “porto” e quer chegar até o Paty, só precisa gritar: “Tomaquê!”.

Ponte? Nem pensar, dizem os moradores, em coro.

Há um comentário correto sobre o fragmento transcrito acima em:

- Aceita a interpretação que o faz corresponder, em discurso direto, a “Os moradores diziam, em coro, que ponte nem pensar”.
- Em discurso direto, para fazer jus ao sentido desejado, deveria ser apresentado assim: “– Ponte? Oferecem as autoridades municipais.
– Nem pensar! Dizem os moradores, em coro”.
- Para adequar-se à norma-padrão, precisa ter a pontuação alterada para: “Ponte, nem pensar? – Dizem os moradores em coro”.
- Apresenta equívoco no emprego de vírgula, que é corrigido assim: “Ponte? Nem pensar, dizem, os moradores em coro”.
- Para ficar completo e adequado à norma-padrão, deve ser reformulado, em discurso indireto, assim: “Os moradores refutam, em coro, a possibilidade de se pensar em ponte”.

Comentário: A alternativa (A) está errada, pois “Os moradores diziam, em coro, que ponte nem pensar” encontra-se em discurso indireto, e não em discurso direto.



A alternativa (B) está errada, pois se entende do texto que não são as autoridades que perguntam “Ponte?”.

A alternativa (C) está errada, pois “nem pensar” é uma resposta, não uma pergunta. Assim, a pontuação está inadequada.

A alternativa (D) está errada, pois não cabe vírgula entre o verbo “dizem” e o sujeito “os moradores”.

A alternativa (E) resta como a correta. Note que seria ideal que o discurso indireto apresentasse a conjunção integrante “que” ou “se”, por exemplo:

*“Os moradores diziam, em coro, **que** ponte nem pensar.”*

Porém, podemos entender que a banca fez uma reelaboração desse discurso com a afirmação:

“Os moradores refutam, em coro, a possibilidade de se pensar em ponte.”

Veja: só aceitamos esta alternativa como a correta, por eliminação de todas as demais, haja vista que o discurso indireto deveria trazer consigo a conjunção integrante “que” (ou “se”).

Gabarito: E

9. (FCC / SEDUES Professor – 2016)

Há a presença do discurso indireto em:

- a) Eu invejava os que moravam do outro lado da rua, onde as casas dão fundos para o rio.
- b) Quando começavam as chuvas a gente ia toda manhã lá no quintal deles ver até onde chegara a enchente.
- c) Então vinham todos dormir em nossa casa.
- d) Parecia que as pessoas ficavam todas contentes, riam muito; como se fazia café e se tomava café tarde da noite!
- e) Às vezes chegava alguém a cavalo, dizia que lá, para cima do Castelo, tinha caído chuva muita.

Comentário: A frase que apresente discurso indireto deve conter verbo de elocução (dizer, perguntar, afirmar etc), além da conjunção integrante “que” ou “se”. Assim, as alternativas (A), (B), (C) e (D) apresentam apenas afirmações e a alternativa (E) é a que apresenta discurso indireto, pois há o verbo de elocução “dizia” e a conjunção integrante “que”:

Às vezes chegava alguém a cavalo, dizia que lá, para cima do Castelo, tinha caído chuva muita.

Gabarito: E

10. (FCC / AL MS Redator e Revisor de Debates – 2016)

– Não há razão para tristeza quando o coração tem a sensação de dever cumprido. Ainda que eu tenha cultivado a humildade de reconhecer que fiz menos do que poderia e muito menos do que desejei fazer. Aqui não só plantei, colhi. Essa Casa sempre foi para mim uma terra



fértil. Que a minha colhida possa ter saciado o desejo de democracia, soberania, justiça do povo brasileiro – disse o político, na largada do discurso.

(Adaptado de: Zero Hora zh.clicrbs.com.br/.../simon-faz-discurso-de-despedida-da-carreira-politica-4660469.ht...)

Julgue a afirmativa abaixo com C (CERTO) ou E (ERRADO)

Considerado o contexto, transpõe-se corretamente o trecho destacado para discurso indireto assim: “O orador expressou, na largada do discurso, que desejava que sua colhida pudesse ter saciado o desejo de democracia, soberania, justiça do povo brasileiro”.

Comentário: Note que o trecho do texto encontra-se no discurso direto e a fala do personagem emprega o pronome de primeira pessoa “minha”, e o pretérito perfeito composto do subjuntivo “possa ter saciado”. Neste tempo composto, o que importa mesmo é o verbo auxiliar “possa” encontrar-se no presente do subjuntivo.

Além disso, note a voz do narrador (“disse o político, na largada do discurso”), empregando verbo de elocução no passado (“disse”).

Assim, ao transpormos do discurso direto para indireto, devemos trocar a primeira pessoa (“minha”) pela terceira (“sua”) e o verbo auxiliar do presente do subjuntivo (“possa”) pelo pretérito imperfeito do subjuntivo (“pudesse”). Além disso, deve haver a inserção da conjunção integrante “que”.

Assim, a transposição está correta. Compare as duas estruturas:

Discurso direto:

Que a minha colhida possa ter saciado o desejo de democracia, soberania, justiça do povo brasileiro – disse o político, na largada do discurso.

Discurso indireto:

*“O orador expressou, na largada do discurso, **que** desejava que sua colhida **pudesse** ter saciado o desejo de democracia, soberania, justiça do povo brasileiro”.*

Gabarito: C

11. (FCC / TRT 3ªR Analista Judiciário – 2016)

Nem bem chegara de lá e já tinha de ouvir o que diziam dele depois que partira. A primeira a anunciar uma das fofocas foi a vizinha, sempre disposta a disseminar novidades, verdadeiras ou não.

– Então, Antônio, soube que rompeu o noivado.

Julgue a afirmativa abaixo com C (CERTO) ou E (ERRADO)

Transpondo o discurso direto acima para o indireto, a formulação obtida deve ser “A vizinha disse que, então, sabia que Antônio rompeu o noivado”.

Comentário: Como vimos na aula de sintaxe da oração, o vocábulo “então” faz parte das palavras denotativas situacionais, as quais servem apenas para testar o canal de conversação direta. Note



que, na transposição para o discurso indireto, tal vocábulo deve ser excluído. Dessa forma, já sabemos que a afirmação da questão está errada.

Além disso, a conversa foi direta com Antônio. Assim, na transposição, tal informação deve ser dada com a devida clareza.

Como o verbo “rompeu”, empregado pela personagem no discurso direto, encontra-se no pretérito perfeito do indicativo, devemos dar clareza no discurso direto por meio do pretérito mais-que-perfeito do indicativo: **rompera**. Confirme:

Discurso direto:

– Então, Antônio, soube que rompeu o noivado.

Discurso indireto:

A vizinha disse a **Antônio** que sabia que **ele rompera** o noivado.

Gabarito: E

12. (FCC / TRT 3ªR Analista Judiciário – 2016)

Todas as cousas têm sua filosofia. Se os dous anciãos que o bond elétrico atirou para a eternidade esta semana, houvessem já feito por si mesmos o que lhes fez o bond, não teriam entestado com o progresso que os eliminou. É duro dizer; duro e ingênuo, um pouco à La Palisse; mas é verdade. Quando um grande poeta deste século perdeu a filha, confessou, em versos doloridos, que a criação era uma roda que não podia andar sem esmagar alguém. Por que negaremos a mesma fatalidade aos nossos pobres veículos?

Julgue a afirmativa abaixo com C (CERTO) ou E (ERRADO)

Transpondo o discurso direto presente no texto para o indireto, e observando-se o contexto, uma formulação apropriada e condizente com a norma-padrão seria "O cronista indaga porque negaremos a mesma fatalidade aos nossos pobres veículos".

Comentário: Na realidade, a questão cita o discurso direto e indireto, mas quer do candidato a noção da transposição da frase interrogativa direta (por meio do discurso direto, com a expressão interrogativa “**Por que**” e o emprego do **ponto de interrogação**) em interrogativa indireta (com a manutenção da expressão interrogativa “**por que**”, mas com a finalização com **ponto final**).

Como no discurso indireto foi empregado o verbo de elocução no presente do indicativo (“indaga”), não cabe modificação de tempo verbal na transposição. Confirme:

Discurso direto:

Por que negaremos a mesma fatalidade aos nossos pobres veículos?

Discurso indireto:

O cronista indaga por que negaremos a mesma fatalidade aos nossos pobres veículos.

Gabarito: E



13. (FUNRIO / Prefeitura Tanguá–RJ Oficial Legislativo – 2016)

No lixo, uma fonte de energia para o futuro Depois de uma alta de mais de 50% nas contas de luz no ano passado, vale quase tudo para economizar. Até mesmo investir em lixo. Já existem cidades no país que planejam gerar sua própria energia a partir de matéria orgânica (lixo, resíduos agrícolas e dejetos animais). Em Curitiba, um projeto-piloto prevê não apenas o uso de lixo urbano, mas também do próprio esgoto.

A multiplicação de projetos não é à toa. O biometano, com poder calorífico igual ao do gás natural, permitiria gerar até 37 milhões de megawatts (MW) por ano de energia, pouco mais de um terço da energia gerada por ano pela usina de Itaipu.

– A geração de energia em usinas de biogás tem baixo custo, e há abundância de matéria-prima. Pode-se, além de aliviar a conta de luz, reduzir o lançamento de dejetos em rios e a emissão de gases do efeito estufa – afirmou Cícero Bley Júnior, presidente da Abiogás (Associação Brasileira de Biogás e Biometano).

Essa fonte, no futuro, poderia representar até 12% da matriz energética brasileira, contra o patamar atual de 0,05%. Representantes do setor pretendem levar ao Ministério de Minas e Energia uma proposta para um Programa Nacional de Biogás e Biometano. Segundo Bley Júnior, o país já tem a tecnologia necessária:

– Uma política nacional poderá incentivar o surgimento de novos fabricantes de usinas de biogás, de biodigestores e componentes, gerando mais investimentos e empregos.

O estudo estima que um projeto de biogás para produção de 1 MW custa R\$ 2,5 milhões, um patamar vantajoso em relação ao de outras fontes de energia, como microcentrais hidrelétricas, por exemplo.

Ramona Ordonez Adaptado de O Globo, 21/02/2016.

Uma fala relatada na notícia em discurso direto está exemplificada no seguinte trecho:

- a) A multiplicação de projetos não é à toa. (l. 6)
- b) Representantes do setor pretendem levar ao Ministério de Minas e Energia uma proposta (l. 14 e 15)
- c) Segundo Bley Júnior, o país já tem a tecnologia necessária: (l. 15 e 16)
- d) – Uma política nacional poderá incentivar o surgimento de novos fabricantes (l. 17)

Comentário: A fala direta, isto é, a citação direta, o discurso direto está na alternativa (D). Note que a frase se encontra após o travessão, já demonstrando que se abriu a fala para o personagem comunicar diretamente com o leitor.

Gabarito: D



14. (COMPERVE / Prefeitura Ceará-Mirim–RN Agente – 2016)

O futuro do trabalho

Thomaz Wood Jr.

Quando se observam carreiras e profissões, tem-se a sensação de que tudo que era sólido agora se desmancha no ar. O mago, ou vilão transformador, costuma ser a tecnologia, força capaz de abalar indústrias e desestruturar trajetórias.

O impacto é especialmente visível nas carreiras das indústrias criativas e da mídia. Nos últimos 20 anos, as indústrias musicais, as editoras de livros, as revistas e os jornais foram impactados pelas novas tecnologias da informação e de comunicação. Mudaram as formas de produzir e de trabalhar. Para melhor ou para pior? Há controvérsias.

Os arautos do fim do mundo denunciam a precariedade galopante das novas relações de trabalho. Os profetas do admirável mundo novo advogam que as novas tecnologias turbinam a criatividade e escancaram as portas do mercado para as mentes mais brilhantes.

Steve Johnson é um escritor norte-americano dedicado a temas relacionados à ciência, tecnologia e inovação. Situa sua pena no último grupo. Em um longo texto publicado no jornal *The New York Times*, em agosto de 2015, Johnson escreve sobre a emergência da economia digital e suas consequências sobre a cultura, as indústrias criativas e seus profissionais.

Argumenta que o apocalipse anunciado algumas décadas atrás não se materializou. Muitas empresas e empregos desapareceram, mas, segundo ele, a produção cultural está em alta e os profissionais do campo têm, hoje, mais oportunidades de trabalho do que antes.

Nas indústrias musicais, a tecnologia barateou a produção e transformou a distribuição. As gravadoras e as lojas de discos deixaram o palco. Empregos foram perdidos, mas não necessariamente aqueles dos artistas. Os músicos deixaram de ganhar dinheiro com discos e voltaram seu foco para as apresentações ao vivo.

No quinto parágrafo, as citações do discurso alheio apresentam -se sob forma

- a) direta e refutam a visão dos arautos do fim do mundo.
- b) direta e ratificam a visão dos arautos do fim do mundo.
- c) indireta e refutam a visão dos profetas do admirável mundo novo.
- d) indireta e ratificam a visão dos profetas do admirável mundo novo.

Comentário: Notamos, no quinto parágrafo, o discurso indireto, haja vista que o autor do texto usa a ideia apresentada pelo personagem, mas usa suas próprias palavras. Isso é confirmado por meios linguísticos, como a presença da conjunção “que”, do verbo *dicendi* “argumenta”. Assim, já eliminamos as alternativas (A) e (B).

Quanto ao conteúdo da informação veiculada, no terceiro parágrafo, é afirmado que “*Os profetas do admirável mundo novo advogam que as novas tecnologias turbinam a criatividade e escancaram as portas do mercado para as mentes mais brilhantes.*”, e o quinto parágrafo confirma essa ideia, afirmando que muitas “*empresas e empregos desapareceram, mas, segundo ele, a*



produção cultural está em alta e os profissionais do campo têm, hoje, mais oportunidades de trabalho do que antes”.

Assim, é a alternativa (D) a correta.

Gabarito: D

15. (FCM / IF Sudeste-MG Auxiliar Biblioteca – 2016)

A sociedade das aparências

Antropóloga analisa modelo do sistema capitalista na raiz do consumo. A responsabilidade leva em conta impactos de compra, uso, descarte e origem de produtos ou serviços.

por Lilian Monteiro

Para a antropóloga Andréa Zhouri, é preciso mudar o modo de vida de acumulação.

[1º§] O consumo responsável é decisão individual, particular e solitária, em função do compromisso de cada um com o desenvolvimento socioambiental. É de quem tem ou adquire a consciência de que ações positivas minimizam as negativas. Comportamento e atitude que estão ligados à questão do “não-desperdício, do desprendimento e da posse de objetos por status. Visão ainda pequena na nossa sociedade, mas que tende a aumentar nas camadas mais jovens, preocupadas com a preservação dos recursos naturais renováveis. Em outros países, as práticas são mais arraigadas. No Brasil, não. Acumulamos muito lixo pelo consumo que tem a ver com o descarte, a sobra, o desperdício, o refugo, que causam sérios problemas. É a garrafa PET, a sacola plástica, as sucatas de equipamentos eletrônicos, o celular, o computador...”, explica Andréa Zhouri, antropóloga e coordenadora do Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais (Gesta) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

[2º§] Andréa Zhouri alerta que a solução está na mudança do “pensar do berço ao túmulo. É prática de preocupação política no sentido mais amplo. É concepção de consciência política. O modo de vida de acumulação, de posse de coisas, de acumular e desperdiçar. É preciso mudar. Surgem, na sociedade brasileira, atitudes, tentativas ainda incipientes, marginais e pontuais, mas em determinados grupos. No entanto, a grande tendência é ter!”.

[3º§] O caminho é longo e é preciso persistência. “A transição do ter para o ser implica processo. E tem a ver com a elaboração do sujeito, da sua reflexão sobre a existência no mundo, porque a sociedade capitalista é uma sociedade de produção de mercadorias e de bens não só materiais, mas de bens significativos. Ou seja, ao mesmo tempo em que tem valor de uso, prático, de troca e comercial, também tem valor de bem distintivo, de status, simbólico. Ambos estão interligados. O exemplo mais claro é o automóvel. Não se compra só o veículo de transporte para levar alguém de um lugar A para o B. Não é 'um' automóvel, mas 'o' automóvel, o modelo, o tipo e a marca que vão atribuir ao consumidor um lugar na sociedade, que é cumulativa de bens e emite mensagens”, analisa a antropóloga.

[4º§] Andréa Zhouri enfatiza que as pessoas comprem a mensagem e não o objeto. “E aí vamos entrar em outra área, que é a luta pelo poder. Ao transmitir o que se tem, a pessoa emite uma mensagem. Por isso é muito difícil o consumo consciente, responsável, porque a questão não está no nível do cognitivo. O desafio não é a informação, porque o consumo



mexe com o lado efetivamente significativo da existência. A necessidade de se distinguir, ser diferente e projetar determinada imagem.”

[5º§] A antropóloga alerta que “a sociedade vende a ilusão de que você, consumindo, vai conseguir a distinção que a sociedade moderna valoriza. A pessoa vai comprar a ideia de que é especial. Assim, é difícil o consumo responsável na contramão de um mundo da propaganda e do marketing”.

[6º§] E, como Andréa Zhouri já declarou diante de outra situação (no caso, a catástrofe da Samarco, que também envolve consumo), “precisamos repensar o que é de fato o bem-viver, a riqueza e uma boa economia. Há alternativas que exigem participação política de todos, ainda que a sociedade civil cobre, esteja engajada, em determinadas situações, ela não encontra ouvidos do outro lado, do lado da governança”.

Fonte: Jornal Estado de Minas, 24/01/2016, disponível em: http://impresso.em.com.br/app/noticia/toda-semana/bem-viver/2016/01/24/interna_bemviver,171062/a-sociedadedas-aparencias.shtml, acesso em 28/01/2016. Texto adaptado.

Houve emprego de discurso indireto, no seguinte trecho retirado do texto 1:

- a) O caminho é longo e é preciso persistência.
- b) Andréa Zhouri enfatiza que as pessoas comprem a mensagem e não o objeto.
- c) O consumo responsável é decisão individual, particular e solitária, em função do compromisso de cada um com o desenvolvimento socioambiental.
- d) “precisamos repensar o que é de fato o bem-viver, a riqueza e uma boa economia. Há alternativas que exigem participação política de todos, ainda que a sociedade civil cobre, esteja engajada, em determinadas situações, ela não encontra ouvidos do outro lado, do lado da governança”.
- e) “pensar do berço ao túmulo. É prática de preocupação política no sentido mais amplo. É concepção de consciência política. O modo de vida de acumulação, de posse de coisas, de acumular e desperdiçar. É preciso mudar. Surgem, na sociedade brasileira, atitudes, tentativas ainda incipientes, marginais e pontuais, mas em determinados grupos. No entanto, a grande tendência é ter!”.

Comentário: Fica claro que as alternativas (D) e (E) apresentam discursos diretos, tendo em vista a sinalização das aspas. Assim, eliminamos tais alternativas.

Como sabemos que o discurso indireto apresenta a conjunção integrante “que” após o verbo *dicendi*, notamos que a alternativa correta é a (B), pois há o verbo *dicendi* “enfatiza” e a conjunção integrante “que”.

As demais alternativas apresentam apenas afirmações do autor, não necessariamente há algum tipo de discurso.

Gabarito: B



16. (IBFC / MGS Advogado – 2016)

O guarda aproxima-se do cadáver, não pode identificá-lo — os bolsos vazios. Resta na mão esquerda a aliança de ouro, que ele próprio quando vivo - só destacava molhando no sabonete. A polícia decide chamar o rabecão.

A última boca repete — Ele morreu, ele morreu. A gente começa a se dispersar. Dario levou duas horas para morrer, ninguém acreditava estivesse no fim. Agora, aos que alcançam vê-lo, todo o ar de um defunto.

No último parágrafo, tem-se “A última boca repete — Ele morreu, ele morreu”. Nessa passagem, pode-se perceber um exemplo de discurso:

- a) indireto
- b) direto
- c) indireto livre
- d) não-verbal

Comentário: Note que a expressão “Ele morreu, ele morreu” está precedida de travessão, meio linguístico que comprova o emprego do discurso direto. Assim, a alternativa correta é a (B).

Gabarito: B



3 – LISTA DE QUESTÕES



HORA DE
PRATICAR!

1. (Exército / IME Quadro de Engenheiro Militar 2016)

Texto 2

O HOMEM: AS VIAGENS

Carlos Drummond de Andrade

- 1 O homem, bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão,
faz um foguete, uma cápsula, um módulo
- 5 toca para a Lua
desce cauteloso na Lua
pisa na Lua
planta bandeirola na Lua
experimenta a Lua
- 10 coloniza a Lua
civiliza a Lua
humaniza a Lua
- 2
Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
- 3
15 Vamos para Marte – ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
pisa em Marte
experimenta
coloniza
- 20 civiliza
humaniza Marte com engenho e arte.
- 4
Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?

- 5
Claro – diz o engenho
25 sofisticado e dócil.
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus,
vê o visto – é isto?
idem
- 30 idem
idem.
- 6
O homem funde a cuca se não for a Júpiter
proclamar justiça junto com injustiça
repetir a fossa
- 35 repetir o inquieto
repetitório.
- 7
Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
40 só para tever?
Não-vê que ele inventa
roupa insidervável de viver no Sol.
Põe o pé e:
mas que chato é o Sol, falso touro
- 45 espanhol domado.



- 8
Restam outros sistemas fora
do solar a colonizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem
50 (estará equipado?)
a difícilima dangerousíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
- 55 experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
- 60 descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de con-viver.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Nova reunião: 19 livros de poesia** – 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, pp. 448-450.

Texto 3

OS LUSÍADAS CANTO PRIMEIRO

Luis de Camões

- | | |
|---|--|
| <p>1
As armas e os barões assinalados,
Que da ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
5 Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;</p> <p>2
E também as memórias gloriosas
10 Daqueles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando;
E aqueles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
15 Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.</p> | <p>3
Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
20 A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.</p> <p>(...)</p> <p>106
25 No mar tanta tormenta e tanto dano
Tantas vezes a morte apercebida
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida
Onde pode acolher-se um fraco humano
30 Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?</p> |
|---|--|

CAMÕES, Luís de (1524-1580). **Os Lusíadas**. São Paulo: Abril Cultural, [1572] 1979, pp. 29-31 e 61.

A *transtextualização* ou **intertextualidade** é um “processo pelo qual o enunciador constrói seu texto (texto meta) mediante a incorporação ou transformação da totalidade ou de parte de outro texto (texto fonte)” (AZEREDO, J. C. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa, p. 96).



São vários os tipos de **transtextualização** elencados na referida obra, dentre eles a incorporação, a citação, a alusão, a reelaboração, a paráfrase, a tradução e a paródia. Especificamente, a alusão consiste em evocar um texto ou discurso anterior (de outro gênero, de outra época, de outra cultura), para produzir, no presente, um efeito de sentido autorizado ou legitimado pelo texto/discurso evocado. Diferentemente da citação, cuja incorporação o interlocutor identifica graças às marcas, a alusão só é percebida se o texto que ela evoca faz parte da cultura do interlocutor (IBIDEM, p. 98).

Atente para as seguintes assertivas apresentadas na comparação dos textos 2 e 3.

I. Há uma relação explícita entre o primeiro verso do poema de Drummond e o último verso do Canto I de Os Lusíadas, de Camões, apresentados nesta prova.

II. O verso camoniano “Tanta necessidade aborrecida” pode ser visto como um desencadeador da descrição drummondiana do tédio do homem face a suas conquistas que não o levam à resolução de problemas mais imediatos como a fome, a desigualdade e as injustiças, também evocadas por Camões nos versos iniciais da estrofe 106 de Os Lusíadas.

III. O texto brasileiro alude diretamente ao texto português no uso da expressão “engenho e arte”, recorrendo, inclusive, à mesma parceria rítmica (parte/arte).

IV. Enquanto em Camões a humanização reivindicada refere-se a uma europeização do espaço terrestre, no poema de Drummond, diferentemente, a humanização é interplanetária, o que se verifica inclusive pelo uso da maiúscula na palavra Terra no primeiro verso de seu poema.

São **marcas de alusão**

- A) apenas o que se afirma em I e II.
- B) apenas o que se afirma em I, II e III.
- C) apenas o que se afirma em II e III.
- D) apenas o que se afirma em III e IV.
- E) o que se afirma em I, II, III e IV.

2. (FGV / SSP AM – Assistente Operacional – 2015)

Construímos no Brasil uma sociedade hierarquizada e arcaica, majoritariamente conservadora (que aqui se manifesta em regra de forma extremamente nefasta, posto que dominada por crenças e valores equivocados), que se julga (em geral) no direito de desfrutar de alguns privilégios, incluindo-se o de não ser igual perante as leis (nessa suposta “superioridade” racial ou socioeconômica também vem incluída a impunidade, que sempre levou um forte setor das elites à construção de uma organização criminosa formada por uma trioka maligna composta de políticos e outros agentes públicos + agentes econômicos + agentes financeiros, unidos em parceria público-privada para a pilhagem do patrimônio do Estado). Continuamos (em pleno século XXI) a ser o país atrasado do “Você sabe com quem está falando?” (como bem explica DaMatta, em várias de suas obras). Os da camada “de cima” (na nossa organização social) se julgam no direito (privilégio) de humilhar e



desconsiderar as leis assim como os “de baixo”. Se alguém questiona essa estrutura, vem o corporativismo e retroalimenta a chaga arcaica. De onde vem essa canhestra forma de organização social? Por que somos o que somos?” (Luiz Flávio Gomes, *JusBrasil*)

Nesse segmento há uma referência aos textos anteriores desta prova, que constitui uma das marcas de caracterização dos textos em geral; essa marca é denominada:

- (A) polissemia;
- (B) ambiguidade;
- (C) intertextualidade;
- (D) coesão;
- (E) coerência.

3. (FGV / Funarte – Assistente Administrativo – 2014)

Talvez a gratidão devesse ser uma rotina nas nossas vidas, algo indissociável da relação humana, mas talvez ande arredada dos nossos cotidianos, dos nossos gestos. E se começássemos cada dia dando gracias a la vida, como faria a Violeta?

A última frase do texto “E se começássemos cada dia dando gracias a la vida, como faria a Violeta?” se refere a uma letra de música de Violeta Parra. Essa menção mostra a presença no texto de um fator denominado:

- (A) polissemia; (B) linguagem figurada; (C) coerência;
- (D) coesão; (E) intertextualidade.

4. (FGV / TJ BA – Analista Judiciário – 2015)

Millôr Fernandes, falando sobre o hábito de fumar, disse: “Enorme percentual de fumantes disposto a continuar fumando, apesar de ameaças de câncer, enfisemas e outras quizílias. O fumo é realmente um vício idiota. Mas os fumantes que persistem em fumar têm um vício ainda mais idiota – a liberdade. Provando que nem só de pão, e de saúde, vive o ser humano. Além do fumo ele aspira também gastar a vida como bem entende. Arruinando determinadamente seu corpo – um ato de loucura – o fumante ultrapassa a pura e simples animalidade da sobrevivência sem graça. Em tempo; eu não fumo”.

(*Definitivo*, L&PM editores, Porto Alegre, 1994)

Uma das marcas de textualidade é a chamada “intertextualidade”, ou seja, a presença de outros textos; a passagem abaixo em que se alude a outro texto é:

- (A) “Enorme percentual de fumantes disposto a continuar fumando, apesar de ameaças de câncer, enfisemas e outras quizílias.”;
- (B) “Além do fumo ele aspira também gastar a vida como bem entende”;
- (C) “Provando que nem só de pão, e de saúde, vive o ser humano”;
- (D) “Mas os fumantes que persistem em fumar têm um vício ainda mais idiota – a liberdade”;
- (E) “O fumo é realmente um vício idiota”.



5. (FGV / Funarte – Superior – 2014)

Brasileiro, Homem do Amanhã

(Paulo Mendes Campos)

Há em nosso povo duas constantes que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo. Brasileiro até demais. Colunas da brasilidade, as duas colunas são: a capacidade de dar um jeito; a capacidade de adiar.

A primeira é ainda escassamente conhecida, e nada compreendida, no Exterior; a segunda, no entanto, já anda bastante divulgada lá fora, sem que, direta ou sistematicamente, o corpo diplomático contribua para isso.

Aquilo que Oscar Wilde e Mark Twain diziam apenas por humorismo (nunca se fazer amanhã aquilo que se pode fazer depois de amanhã), não é no Brasil uma deliberada norma de conduta, uma diretriz fundamental. Não, é mais, é bem mais forte do que qualquer princípio da vontade: é um instinto inelutável, uma força espontânea da estranha e surpreendente raça brasileira.

Para o brasileiro, os atos fundamentais da existência são: nascimento, reprodução, procrastinação e morte (esta última, se possível, também adiada).

Adiamos em virtude dum verdadeiro e inevitável estímulo inibitório, do mesmo modo que protegemos os olhos com a mão ao surgir na nossa frente um foco luminoso intenso. A coisa deu em reflexo condicionado: proposto qualquer problema a um brasileiro, ele reage de pronto com as palavras: logo à tarde, só à noite; amanhã; segunda-feira; depois do Carnaval; no ano que vem.

Adiamos tudo: o bem e o mal, o bom e o mau, que não se confundem, mas tantas vezes se desemparelham. Adiamos o trabalho, o encontro, o almoço, o telefonema, o dentista, o dentista nos adia, a conversa séria, o pagamento do imposto de renda, as férias, a reforma agrária, o seguro de vida, o exame médico, a visita de pêsames, o concerto do automóvel, o concerto de Beethoven, o túnel para Niterói, a festa de aniversário da criança, as relações com a China, tudo. Até o amor. Só a morte e a promissória são mais ou menos pontuais entre nós. Mesmo assim, há remédio para a promissória: o adiamento bi ou trimestral da reforma, uma instituição sacrossanta no Brasil.

Quanto à morte não devem ser esquecidos dois poemas típicos do Romantismo: na Canção do Exílio, Gonçalves Dias roga a Deus não permitir que morra sem que volte para lá, isto é, para cá. Já Álvares de Azevedo tem aquele famoso poema cujo refrão é sintomaticamente brasileiro: “Se eu morresse amanhã!”. Como se vê, nem os românticos aceitavam morrer hoje, postulando a Deus prazos mais confortáveis.

Sim, adiamos por força dum incoercível destino nacional, do mesmo modo que, por obra do fado, o francês poupa dinheiro, o inglês confia no Times, o português adora bacalhau, o alemão trabalha com um furor disciplinado, o espanhol se excita com a morte, o japonês esconde o pensamento, o americano escolhe sempre a gravata mais colorida.



O brasileiro adia, logo existe.

A divulgação dessa nossa capacidade autóctone para a incessante delonga transpõe as fronteiras e o Atlântico. A verdade é que já está nos manuais. Ainda há pouco, lendo um livro francês sobre o Brasil, incluído numa coleção quase didática de viagens, encontrei no fim do volume algumas informações essenciais sobre nós e sobre a nossa terra. Entre poucos endereços de embaixadas e consulados, estatísticas, indicações culinárias, o autor intercalou o seguinte tópico:

Palavras

Hier: ontem

Aujourd'hui: hoje

Demain: amanhã

A única palavra importante é "amanhã".

Ora, este francês astuto agarrou-nos pela perna. O resto eu adio para a semana que vem.

O segmento do texto da crônica que NÃO atesta a intertextualidade como uma das marcas da textualidade é:

- (A) "Aquilo que Oscar Wilde e Mark Twain diziam apenas por humorismo (nunca se fazer amanhã aquilo que se pode fazer depois de amanhã), não é no Brasil uma deliberada norma de conduta...";
- (B) "Ainda há pouco, lendo um livro francês sobre o Brasil, incluído numa coleção quase didática de viagens, encontrei no fim do volume algumas informações essenciais sobre nós e sobre a nossa terra";
- (C) "O brasileiro adia, logo existe";
- (D) "Quanto à morte não devem ser esquecidos dois poemas típicos do Romantismo: na Canção do Exílio, Gonçalves Dias roga a Deus não permitir que morra sem que volte para lá, isto é, para cá";
- (E) "Já Álvares de Azevedo tem aquele famoso poema cujo refrão é sintomaticamente brasileiro: "Se eu morresse amanhã!".

6. (Exército / EsPCEX Cadete do Exército 2016)

Assinale a alternativa que apresenta exemplo de discurso indireto livre.

- A) Desejo muito conhecer Carlota – disse-me Glória, a certo ponto da conversação. – Por que não a trouxe consigo?
- B) Omar queixou-se ao pai. Não era preciso tanta severidade. Por que não tratava os outros filhos com o mesmo rigor?
- C) – Isso não pode continuar assim, respondeu ela; – é preciso que façamos as pazes definitivamente.



D) Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro. Ele respondeu que, pela vontade dele, naquele mesmo instante.

E) Daí a pouco chegou João Carlos e, após ligeiro exame, receitou alguma coisa, dizendo que nada havia de anormal...

7. (FCC / TRT 6ªR Técnico Judiciário – 2018)

Fragmento do texto: Em seu livro, Na senda do lirismo, Jó Patriota explica que foi o cantador Vicente Preto, ao ouvi-lo ensaiando os primeiros passos no repente, quem primeiro acreditou em sua vocação: – Você pode entrar no ramo, disse-lhe. Ele lembra, também, que sua primeira viola foi comprada por uma irmã, “com dinheiro da venda de uma cabra”. Sempre acontecia alguma coisa com suas violas, porque passou a vida toda cantando com as violas “dos outros”. O que acontecia, certamente, é que sua pobreza o obrigava a vendê-las.

– Você pode entrar no ramo, disse-lhe. (linhas 3 e 4)

A frase de Vicente Preto, está corretamente transposta para o discurso indireto em:

- a) Disse-lhe “você pudera entrar no ramo”.
- b) Disse-lhe que você pode entrar no ramo.
- c) Disse-lhe que ele podia entrar no ramo.
- d) Disse-lhe: “ele pôde entrar no ramo”.
- e) Disse-lhe: você poderá entrar no ramo.

8. (FCC / ALE SE Técnico Legislativo – 2018)

Fragmento do texto: Minha história começa numa ilha com pouco mais de duzentos habitantes, na baía de Todos os Santos. Uma fração de Brasil praticamente secreta, ignorada pelas modernidades e pelos mapas: nem o (quase) infalível Google Maps consegue encontrá-la. É nessa terra minúscula, a Ilha do Paty, que estão minhas raízes. O lugar é um distrito de São Francisco do Conde - município a 72 quilômetros de Salvador, próximo a Santo Amaro e conhecido por sua atual importância na indústria do petróleo. Na ilha, as principais fontes de renda ainda são a pesca, o roçado e ser funcionário da prefeitura.

No Paty, sapatos são muitas vezes acessórios dispensáveis. Para atravessar de um lado para o outro na maré de águas verdes, o transporte oficial é a canoa, apesar de já existirem um ou outro barco, cedidos pela prefeitura. Ponte? Nem pensar, dizem os moradores, em coro. Quando alguém está no “porto” e quer chegar até o Paty, só precisa gritar: “Tomaquê!”.

Ponte? Nem pensar, dizem os moradores, em coro.

Há um comentário correto sobre o fragmento transcrito acima em:

- a) Aceita a interpretação que o faz corresponder, em discurso direto, a “Os moradores diziam, em coro, que ponte nem pensar”.
- b) Em discurso direto, para fazer jus ao sentido desejado, deveria ser apresentado assim: “– Ponte? Oferecem as autoridades municipais.

– Nem pensar! Dizem os moradores, em coro”.



- c) Para adequar-se à norma-padrão, precisa ter a pontuação alterada para: “Ponte, nem pensar? – Dizem os moradores em coro”.
- d) Apresenta equívoco no emprego de vírgula, que é corrigido assim: “Ponte? Nem pensar, dizem, os moradores em coro”.
- e) Para ficar completo e adequado à norma-padrão, deve ser reformulado, em discurso indireto, assim: “Os moradores refutam, em coro, a possibilidade de se pensar em ponte”.

9. (FCC / SEDUES Professor – 2016)

Há a presença do discurso indireto em:

- a) Eu invejava os que moravam do outro lado da rua, onde as casas dão fundos para o rio.
- b) Quando começavam as chuvas a gente ia toda manhã lá no quintal deles ver até onde chegara a enchente.
- c) Então vinham todos dormir em nossa casa.
- d) Parecia que as pessoas ficavam todas contentes, riam muito; como se fazia café e se tomava café tarde da noite!
- e) Às vezes chegava alguém a cavalo, dizia que lá, para cima do Castelo, tinha caído chuva muita.

10. (FCC / AL MS Redator e Revisor de Debates – 2016)

– Não há razão para tristeza quando o coração tem a sensação de dever cumprido. Ainda que eu tenha cultivado a humildade de reconhecer que fiz menos do que poderia e muito menos do que desejei fazer. Aqui não só plantei, colhi. Essa Casa sempre foi para mim uma terra fértil. Que a minha colhida possa ter saciado o desejo de democracia, soberania, justiça do povo brasileiro – disse o político, na largada do discurso.

(Adaptado de: Zero Hora zh.clicrbs.com.br/.../simon-faz-discurso-de-despedida-da-carreira-politica-4660469.ht...)

Julgue a afirmativa abaixo com C (CERTO) ou E (ERRADO)

Considerado o contexto, transpõe-se corretamente o trecho destacado para discurso indireto assim: “O orador expressou, na largada do discurso, que desejava que sua colhida pudesse ter saciado o desejo de democracia, soberania, justiça do povo brasileiro”.

11. (FCC / TRT 3ªR Analista Judiciário – 2016)

Nem bem chegara de lá e já tinha de ouvir o que diziam dele depois que partira. A primeira a anunciar uma das fofocas foi a vizinha, sempre disposta a disseminar novidades, verdadeiras ou não.

– Então, Antônio, soube que rompeu o noivado.

Julgue a afirmativa abaixo com C (CERTO) ou E (ERRADO)

Transpondo o discurso direto acima para o indireto, a formulação obtida deve ser "A vizinha disse que, então, sabia que Antônio rompeu o noivado".



12. (FCC / TRT 3ªR Analista Judiciário – 2016)

Todas as cousas têm sua filosofia. Se os dous anciãos que o bond elétrico atirou para a eternidade esta semana, houvessem já feito por si mesmos o que lhes fez o bond, não teriam entestado com o progresso que os eliminou. É duro dizer; duro e ingênuo, um pouco à La Palisse; mas é verdade. Quando um grande poeta deste século perdeu a filha, confessou, em versos doloridos, que a criação era uma roda que não podia andar sem esmagar alguém. Por que negaremos a mesma fatalidade aos nossos pobres veículos?

Julgue a afirmativa abaixo com C (CERTO) ou E (ERRADO)

Transpondo o discurso direto presente no texto para o indireto, e observando-se o contexto, uma formulação apropriada e condizente com a norma-padrão seria "O cronista indaga porque negaremos a mesma fatalidade aos nossos pobres veículos".

13. (FUNRIO / Prefeitura Tanguá–RJ Oficial Legislativo – 2016)

No lixo, uma fonte de energia para o futuro Depois de uma alta de mais de 50% nas contas de luz no ano passado, vale quase tudo para economizar. Até mesmo investir em lixo. Já existem cidades no país que planejam gerar sua própria energia a partir de matéria orgânica (lixo, resíduos agrícolas e dejetos animais). Em Curitiba, um projeto-piloto prevê não apenas o uso de lixo urbano, mas também do próprio esgoto.

A multiplicação de projetos não é à toa. O biometano, com poder calorífico igual ao do gás natural, permitiria gerar até 37 milhões de megawatts (MW) por ano de energia, pouco mais de um terço da energia gerada por ano pela usina de Itaipu.

– A geração de energia em usinas de biogás tem baixo custo, e há abundância de matéria-prima. Pode-se, além de aliviar a conta de luz, reduzir o lançamento de dejetos em rios e a emissão de gases do efeito estufa – afirmou Cícero Bley Júnior, presidente da Abiogás (Associação Brasileira de Biogás e Biometano).

Essa fonte, no futuro, poderia representar até 12% da matriz energética brasileira, contra o patamar atual de 0,05%. Representantes do setor pretendem levar ao Ministério de Minas e Energia uma proposta para um Programa Nacional de Biogás e Biometano. Segundo Bley Júnior, o país já tem a tecnologia necessária:

– Uma política nacional poderá incentivar o surgimento de novos fabricantes de usinas de biogás, de biodigestores e componentes, gerando mais investimentos e empregos.

O estudo estima que um projeto de biogás para produção de 1 MW custa R\$ 2,5 milhões, um patamar vantajoso em relação ao de outras fontes de energia, como microcentrais hidrelétricas, por exemplo.

Ramona Ordonez Adaptado de O Globo, 21/02/2016.

Uma fala relatada na notícia em discurso direto está exemplificada no seguinte trecho:

- a) A multiplicação de projetos não é à toa. (l. 6)
- b) Representantes do setor pretendem levar ao Ministério de Minas e Energia uma proposta (l. 14 e 15)



- c) Segundo Bley Júnior, o país já tem a tecnologia necessária: (l. 15 e 16)
- d) – Uma política nacional poderá incentivar o surgimento de novos fabricantes (l. 17)

14. (COMPERVE / Prefeitura Ceará-Mirim–RN Agente – 2016)

O futuro do trabalho

Thomaz Wood Jr.

Quando se observam carreiras e profissões, tem-se a sensação de que tudo que era sólido agora se desmancha no ar. O mago, ou vilão transformador, costuma ser a tecnologia, força capaz de abalar indústrias e desestruturar trajetórias.

O impacto é especialmente visível nas carreiras das indústrias criativas e da mídia. Nos últimos 20 anos, as indústrias musicais, as editoras de livros, as revistas e os jornais foram impactados pelas novas tecnologias da informação e de comunicação. Mudaram as formas de produzir e de trabalhar. Para melhor ou para pior? Há controvérsias.

Os arautos do fim do mundo denunciam a precariedade galopante das novas relações de trabalho. Os profetas do admirável mundo novo advogam que as novas tecnologias turbinam a criatividade e escancaram as portas do mercado para as mentes mais brilhantes.

Steve Johnson é um escritor norte-americano dedicado a temas relacionados à ciência, tecnologia e inovação. Situa sua pena no último grupo. Em um longo texto publicado no jornal *The New York Times*, em agosto de 2015, Johnson escreve sobre a emergência da economia digital e suas consequências sobre a cultura, as indústrias criativas e seus profissionais.

Argumenta que o apocalipse anunciado algumas décadas atrás não se materializou. Muitas empresas e empregos desapareceram, mas, segundo ele, a produção cultural está em alta e os profissionais do campo têm, hoje, mais oportunidades de trabalho do que antes.

Nas indústrias musicais, a tecnologia barateou a produção e transformou a distribuição. As gravadoras e as lojas de discos deixaram o palco. Empregos foram perdidos, mas não necessariamente aqueles dos artistas. Os músicos deixaram de ganhar dinheiro com discos e voltaram seu foco para as apresentações ao vivo.

No quinto parágrafo, as citações do discurso alheio apresentam -se sob forma

- a) direta e refutam a visão dos arautos do fim do mundo.
- b) direta e ratificam a visão dos arautos do fim do mundo.
- c) indireta e refutam a visão dos profetas do admirável mundo novo.
- d) indireta e ratificam a visão dos profetas do admirável mundo novo.

15. (FCM / IF Sudeste-MG Auxiliar Biblioteca – 2016)

A sociedade das aparências

Antropóloga analisa modelo do sistema capitalista na raiz do consumo. A responsabilidade leva em conta impactos de compra, uso, descarte e origem de produtos ou serviços.



Para a antropóloga Andréa Zhouri, é preciso mudar o modo de vida de acumulação.

[1º§] O consumo responsável é decisão individual, particular e solitária, em função do compromisso de cada um com o desenvolvimento socioambiental. É de quem tem ou adquire a consciência de que ações positivas minimizam as negativas. Comportamento e atitude que estão ligados à questão do “não-desperdício, do desprendimento e da posse de objetos por status. Visão ainda pequena na nossa sociedade, mas que tende a aumentar nas camadas mais jovens, preocupadas com a preservação dos recursos naturais renováveis. Em outros países, as práticas são mais arraigadas. No Brasil, não. Acumulamos muito lixo pelo consumo que tem a ver com o descarte, a sobra, o desperdício, o refugo, que causam sérios problemas. É a garrafa PET, a sacola plástica, as sucatas de equipamentos eletrônicos, o celular, o computador...”, explica Andréa Zhouri, antropóloga e coordenadora do Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais (Gesta) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

[2º§] Andréa Zhouri alerta que a solução está na mudança do “pensar do berço ao túmulo. É prática de preocupação política no sentido mais amplo. É concepção de consciência política. O modo de vida de acumulação, de posse de coisas, de acumular e desperdiçar. É preciso mudar. Surgem, na sociedade brasileira, atitudes, tentativas ainda incipientes, marginais e pontuais, mas em determinados grupos. No entanto, a grande tendência é ter!”.

[3º§] O caminho é longo e é preciso persistência. “A transição do ter para o ser implica processo. E tem a ver com a elaboração do sujeito, da sua reflexão sobre a existência no mundo, porque a sociedade capitalista é uma sociedade de produção de mercadorias e de bens não só materiais, mas de bens significativos. Ou seja, ao mesmo tempo em que tem valor de uso, prático, de troca e comercial, também tem valor de bem distintivo, de status, simbólico. Ambos estão interligados. O exemplo mais claro é o automóvel. Não se compra só o veículo de transporte para levar alguém de um lugar A para o B. Não é 'um' automóvel, mas 'o' automóvel, o modelo, o tipo e a marca que vão atribuir ao consumidor um lugar na sociedade, que é cumulativa de bens e emite mensagens”, analisa a antropóloga.

[4º§] Andréa Zhouri enfatiza que as pessoas comprem a mensagem e não o objeto. “E aí vamos entrar em outra área, que é a luta pelo poder. Ao transmitir o que se tem, a pessoa emite uma mensagem. Por isso é muito difícil o consumo consciente, responsável, porque a questão não está no nível do cognitivo. O desafio não é a informação, porque o consumo mexe com o lado efetivamente significativo da existência. A necessidade de se distinguir, ser diferente e projetar determinada imagem.”

[5º§] A antropóloga alerta que “a sociedade vende a ilusão de que você, consumindo, vai conseguir a distinção que a sociedade moderna valoriza. A pessoa vai comprar a ideia de que é especial. Assim, é difícil o consumo responsável na contramão de um mundo da propaganda e do marketing”.

[6º§] E, como Andréa Zhouri já declarou diante de outra situação (no caso, a catástrofe da Samarco, que também envolve consumo), “precisamos repensar o que é de fato o bem-viver, a riqueza e uma boa economia. Há alternativas que exigem participação política de todos,

ainda que a sociedade civil cobre, esteja engajada, em determinadas situações, ela não encontra ouvidos do outro lado, do lado da governança”.

Fonte: Jornal Estado de Minas, 24/01/2016, disponível em: http://impresso.em.com.br/app/noticia/toda-semana/bem-viver/2016/01/24/interna_bemviver,171062/a-sociedadedas-aparencias.shtml, acesso em 28/01/2016. Texto adaptado.

Houve emprego de discurso indireto, no seguinte trecho retirado do texto 1:

- a) O caminho é longo e é preciso persistência.
- b) Andréa Zhouri enfatiza que as pessoas compram a mensagem e não o objeto.
- c) O consumo responsável é decisão individual, particular e solitária, em função do compromisso de cada um com o desenvolvimento socioambiental.
- d) “precisamos repensar o que é de fato o bem-viver, a riqueza e uma boa economia. Há alternativas que exigem participação política de todos, ainda que a sociedade civil cobre, esteja engajada, em determinadas situações, ela não encontra ouvidos do outro lado, do lado da governança”.
- e) “pensar do berço ao túmulo. É prática de preocupação política no sentido mais amplo. É concepção de consciência política. O modo de vida de acumulação, de posse de coisas, de acumular e desperdiçar. É preciso mudar. Surgem, na sociedade brasileira, atitudes, tentativas ainda incipientes, marginais e pontuais, mas em determinados grupos. No entanto, a grande tendência é ter!”.

16. (IBFC / MGS Advogado – 2016)

O guarda aproxima-se do cadáver, não pode identificá-lo — os bolsos vazios. Resta na mão esquerda a aliança de ouro, que ele próprio quando vivo - só destacava molhando no sabonete. A polícia decide chamar o rabeção.

A última boca repete — Ele morreu, ele morreu. A gente começa a se dispersar. Dario levou duas horas para morrer, ninguém acreditava estivesse no fim. Agora, aos que alcançam vê-lo, todo o ar de um defunto.

No último parágrafo, tem-se “A última boca repete — Ele morreu, ele morreu”. Nessa passagem, pode-se perceber um exemplo de discurso:

- a) indireto
- b) direto
- c) indireto livre
- d) não-verbal



4 – GABARITO



GABARITO

1. B
2. C
3. E
4. C
5. B
6. B

7. C
8. E
9. E
10. C
11. E
12. E

13. D
14. D
15. B
16. B

